

Polêmica inglesa da pílula chega ao Brasil

■ Congresso discutirá se risco aumentado de trombozes é preocupante ou desprezível

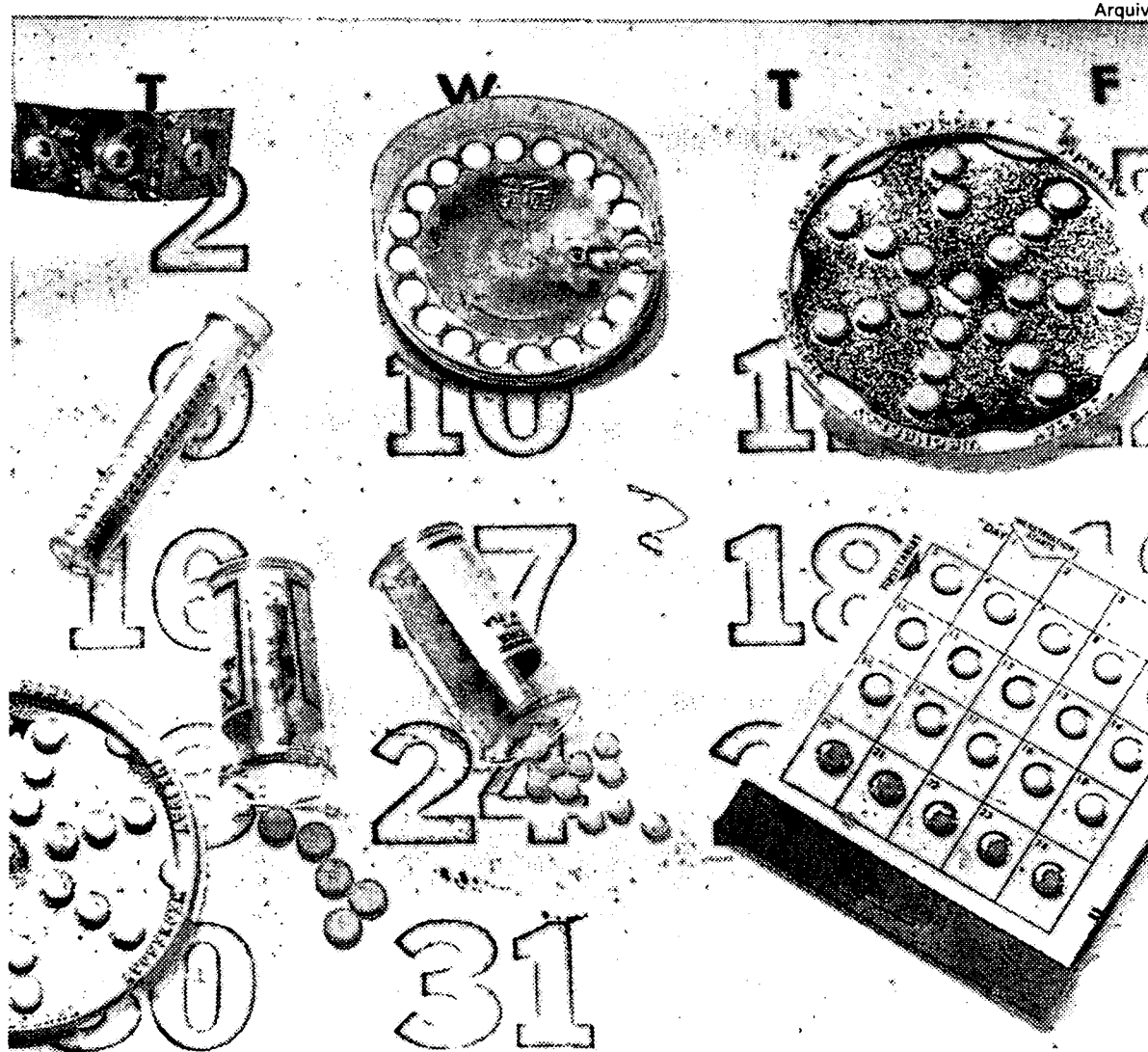
JOSÉ MITCHELL

PORTO ALEGRE — A polêmica das pílulas de terceira geração, utilizadas por 70 milhões de mulheres no mundo e que causariam aumento de trombozes, segundo recente advertência do governo britânico, se transformou num dos grandes assuntos incluídos na última hora no programa do 46º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetria, que começou ontem na capital gaúcha. Os ginecologistas brasileiros vão tomar uma posição conjunta sobre o assunto, mas alguns especialistas já classificam a advertência inglesa como totalmente precipitada e inadequada.

Diante dos mais de 3.500 participantes do congresso, o presidente da Comissão Nacional de Planejamento Familiar da Febrasgo (Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetria), médico Nilson Roberto de Melo, condenará como “perigosas” as conclusões da pesquisa na Inglaterra. O estudo defende a restrição do uso pelas mulheres de pílulas de terceira geração (as mais modernas) porque causariam aumento do risco de trombozes. Melo disse que o relatório inglês ainda é preliminar.

Abortos — “Os riscos de uma gravidez indesejada seriam muito piores porque podem levar à prática de aborto, com sérias conseqüências para a saúde”, comparou o ginecologista, que teve acesso ao relatório preliminar e apontou falhas. “Foram reunidos poucos casos, há falta de consistência nos dados e jogam no lixo tudo o que foi pesquisado em 35 anos da história da pílula”.

O professor assistente da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, César Edgardo



A pílula voltou ao noticiário depois que um relatório inglês fez um alerta sobre riscos dos progestogênios

Fernandes, acrescentou que as conclusões inglesas “não são consistentes e precisam ser aprofundadas, na comparação com 35 anos de estudos e de literatura médica em todo o mundo”. O estudo confirma pesquisas anteriores que revelam que estas pílulas de terceira geração são as de menor risco para infarto ou derrame.

O que surpreende os médicos, segundo Fernandes, é que o relatório inglês aponta os progestogênios associados ao aumento de trombozes, e não os estrogênios, como já se sabia. Nunca houve a associação anterior do risco da doença aos progestogênios gestodeno e desogestrel, drogas existentes na pílula há mais de 15 anos.

A questão virou polêmica no mundo, levando a Associação dos Ginecologistas na Alemanha a divulgar uma circular às mulheres, defendendo o uso destas pílulas. Mas a circular faz a ressalva de que a associação do uso de pílulas com a trombose “não é nova, é um efeito colateral extremamente raro e que pode ser observado em todos os contraceptivos orais”.

Programa — O presidente do congresso brasileiro de ginecologia, Luiz Fernando Costa Vieira, disse que a notícia divulgada no dia 18 de outubro foi muito recente e não estava no programa oficial já fechado. Mas dada a sua importância, haverá debates sobre o assunto com participação de especialistas brasileiros e estrangeiros. Prevê, inclusive, que seja divulgada uma posição oficial dos ginecologistas brasileiros sobre a restrição britânica, ao fim do congresso, no dia 8. Pessoalmente, o ginecologista Luiz Fernando Costa Vieira acha que houve alguma precipitação das autoridades inglesas na medida em que a questão foi divulgada à imprensa não-médica, a partir de um relatório que era considerado preliminar.